**2014**

Programa Nacional de Pós-Doutoramento Universidade Veiga de Almeida Projeto de pesquisa

Psicanálise, Ciência e Educação

Rosa Guedes Lopes

Doutora em Teoria Psicanalítica/UFRJ; membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/AUPPF; vice-presidente do Instituto Sephora de ensino e pesquisa de orientação lacaniana/ISEPOL.

**Projeto de pesquisa**

**Sumário**

* 1. Justificativa do tema e de sua importância para os objetivos do Programa de Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade, da Universidade Veiga de Almeida .................... p. 2
  2. Objetivos da pesquisa ................................................................ p. 4
  3. Fundamentação teórica

1. Psicanálise, ciência e subjetividade .............................. p. 5
2. O advento da ciência moderna .............................. p. 6
3. A subjetividade moderna e os fundamentos do desejo de exceção ......................................................................... p. 8
4. A constituição do laço social e do desejo inconsciente para a psicanálise ................................................................... p. 10
5. O papel da educação e os problemas que enfrenta no mundo moderno e contemporâneo ......................................... p. 13
   1. Plano de Trabalho ............................................................... p. 16
   2. Referências bibliográficas .................................................... p. 17

**Programa Nacional de Pós-doutorado – CAPES**

**Universidade Veiga de Almeida**

**Projeto de pesquisa**

*Área:*Ciências Humanas, Psicologia, Psicanálise, Tratamento e prevenção psicológica.

*Título:***Psicanálise, ciência e educação**

**I –Justificativa do tema e de sua importância para os objetivos do Programa de Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade, da Universidade Veiga de Almeida**

Discutir as relações da psicanálise com a ciência moderna e com os efeitos do seu discurso sobre a subjetividade e o laço socialjustifica-se pelo simples fato de que, para a psicanálise, o mal estar subjetivo só pode ser localizado em relação ao laço social que engendra a própria subjetividade (Freud, 1930 [1929]). Qualquer que seja o ângulo sob o qual se pesquise a subjetividade, será sempre necessário toma-la a partir do seu modo de comparecimento no laço social. Neste sentido, há uma correlação estrutural entre sintoma, discurso e laço social. Freud definiu os sintomas neuróticos como substitutos deformados da satisfação sexual em consequência de que a educação social dos seres humanos se baseia na repressão de ideias e motivações impróprias ao comportamento social e na sua substituição por outras, melhores.Elesitua no trabalho da educação – tanto a fornecida pela família quanto a educação formal -oimportante papel de garantir que algumas das inclinações da criança, no tocante aos meios para obter a satisfação pulsional, não causem prejuízo a ela própria ou à sociedade na qual se insere.

A tese freudiana sobre a ligação estrutural entre subjetividade e laço social encontra em Lacan o seu suporte mais preciso: o sujeito sobre o qual a psicanálise opera só pode ser aquele que se origina do advento da ciência moderna (Lacan, 1966, p. 873). Freud cria a psicanálise como uma ferramenta que permite investigar e intervir sobre as resistências psíquicas do homem moderno para superá-las, e nomeia o trabalho psicanalítico “como um tipo de *pós-educação*” (Freud, 1917 [1916-17], p. 527). Mais uma vez, é Lacan quem formaliza a ação analítica“pós-educativa”servindo-se do seguinte axioma: “a psicanálise é essencialmente o que reintroduz na consideração científica o Nome-do-Pai” (1966, p. 889). Isto permite afirmar que a atividade do psicanalista que Freud nomeou como “pós-educativa” implica a reintrodução no funcionamento psíquico da parte de realidade que é expulsa no mesmo momento em que é constituída a própria subjetividade.

A tarefa de psicanalisar é cativa, portanto, de uma estrutura que não desvincula subjetividade e cultura. Situar o vínculo entre a origem do sujeito e a civilização que o produz coloca, portanto, de partida, todo psicanalista diante da tarefa de caracterizar o advento da ciência moderna, a discursividade que ela inaugura, o sujeito ao qual ela dá à luz, bem como o tipo de laço social produzido por esta mudança discursiva, como condição para alcançar “em seu horizonte a subjetividade de sua época” e, além disso,saber como orientar-se nela (Lacan, 1998, p. 322).

O que comumente vem sendo chamado de contemporaneidade é efeito do aprofundamento da mutação discursiva introduzida pela ciência moderna e caracteriza-se tanto pelo progresso da própria ciência quanto pela universalização dos direitos do homem.Como consequência dos movimentos sociais que reivindicaram a igualdade entre os sexos e as gerações, cresce uma tendência à homogeneização, tendência esta responsável pela desorientação do homem contemporâneo em relação às suas referências identificatórias e pelos efeitos de desregulação que se evidenciam no corpo e no laço social. Estas mudanças requerem que se amplie a compreensão sobre o tema da subjetividade e do laço social para permitir o reconhecimento das questões específicas relativas à constituição subjetiva, aos fenômenos psíquicos contemporâneos e às novas modalidades de laço social e de comparecimento dos sintomas, de modo a contribuir para tornar mais eficazes os programas de ação, interdisciplinares ou não.

O objetivo desta pesquisa é abordar o tema da subjetividade e do laço social interrogando os efeitos da mudança discursiva decorrente do advento da modernidade sobre a educação de um modo geral, bem como verificar os efeitos do avanço do discurso da ciência no que diz respeito à promoção de novas sintomatologias como, por exemplo:

* Os corpos hiperativos, ameaçados ou maltratados pelo bullying;
* Os corpos anoréxicos, bulímicos, com sobrepeso, drogados;
* A demasiada adição da tecnologia aos processos educativos;
* A inibição intelectual ou a falta de atenção frequentes;
* O adoecimento constante e o desinteresse dos professores pela atividade de ensino, etc.

É neste sentido que entendo comoa pesquisa que proponho vai ao encontro da finalidade do*Programa de Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade*, da Universidade Veiga de Almeida, descrito em sua página na internet:

* “Favorecer uma atuação reflexiva, crítica e transformadora, necessária à formação de profissionais que pretendem atuar em diferentes contextos sociais, considerando os aspectos éticos” e
* Promover “a produção científica e a divulgação da prática dos profissionais favorecendo a troca de experiências entre diferentes áreas, a partir do enriquecimento da qualificação dos futuros mestres nas áreas de saúde, humanas e sociais, através do aprofundamento desta prática aliado à formação em pesquisa”.

**II – Objetivos da pesquisa**

***Geral:***

* Contribuir para a atualização do campo teórico da psicanálise em conformidade com as contribuições de outras ciências do conhecimento levando em conta as novas configurações da subjetividade que se apresentam no mundo contemporâneo, bem como para a formação de profissionais mais bem qualificados para responder às necessidades de intervenção junto às novas configurações do laço social.

***Específicos:***

* Contribuir na área de formação de recursos humanos tanto no nível da orientação de monografias de iniciação científica quanto no da pós-graduação,através da coorientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado.
* Ampliar a compreensão sobre o tema da subjetividade e do laço social parapermitir o reconhecimento das questões específicas relativas à constituição subjetiva, aos fenômenos psíquicos contemporâneos e às novas modalidades de laço social e de comparecimento dos sintomas, de modo a contribuir para tornar mais eficazes os programas de ação, interdisciplinares ou não.
* Compreender por que a psicanálise tem como objetivo reintroduzir o Nome-do-Paina consideração científica, isto é, aquilo que comparece no real sob a forma de sintoma, discurso ou laço social, como modo de satisfação pulsional resultante de conflitos ideativos e injunções superegoicas inconscientes que fazem obstáculo ao desejo.
* Refletir sobre a importância da educação para a regulação dos corpos e para o estabelecimento do laço social.
* Conhecer os meios pelos quais esta regulação era exercida na modernidade em consonância com os ideais propagados pela primazia da autoridade do pai e localizar aí o papel e os objetivos da educação.
* Pesquisar as novas formas de regulação dos corpos no mundo contemporâneo e localizar a forma e o papel da educação neste novo contexto.
* Localizar os deslocamentos teóricos internos ao campo da psicanálise de modo a fornecer os meios que possibilitem que o discurso do analista possa fazer frente ao mestre contemporâneo mantendo a posição subversiva que o caracteriza desde Freud.

**Resumo**

O objetivo desta pesquisa é abordar o tema da subjetividade e do laço social interrogando os efeitos da mudança discursiva decorrente do advento da modernidade sobre a educação de um modo geral, bem como verificar os efeitos do avanço do discurso da ciência no que diz respeito à promoção de novas sintomatologias, tais como os corpos hiperativos, ameaçados ou maltratados pelo *bullying*; os corpos anoréxicos, bulímicos, com sobrepeso, drogados; a demasiada adição da tecnologia aos processos educativos; a inibição intelectual ou a falta de atenção frequentes; a crescente medicalização da infância; o adoecimento constante e o desinteresse dos professores pela atividade de ensino; a terceirização da função de educar; etc. Freud situa o mal-estar subjetivo em relação ao laço social que engendra a própria subjetividade. Por esta razão, a pesquisa parte do princípio de que não há clínica da subjetividade sem que sejam extraídas as coordenadas civilizatórias de sua época. Há uma correlação estrutural entre sintoma, discurso e laço social. Os sintomas neuróticos foram definidos como substitutos deformados da satisfação sexual em consequência de que a educação social dos seres humanos se baseia na repressão de ideias e motivações impróprias ao comportamento social e na sua substituição por outras, melhores. A educação – tanto a familiar quanto a formal – tem para Freud o importante papel de garantir que algumas das inclinações da criança, no tocante aos meios para obter a satisfação pulsional, não causem prejuízo a ela própria ou à sociedade na qual se insere. A psicanálise foi criada como uma ferramenta que permite investigar e intervir sobre as resistências psíquicas do homem moderno para superá-las. O trabalho psicanalítico é “um tipo de *pós-educação*”. Lacan formaliza a ação analítica “pós-educativa”pelo axioma: “a psicanálise é essencialmente o que reintroduz na consideração científica o Nome-do-Pai”. A atividade “pós-educativa” do psicanalista implica a reintrodução no funcionamento psíquico da parte de realidade que é expulsa no mesmo momento em que a própria subjetividade é constituída. Portanto, ela também é cativa de uma estrutura que não desvincula subjetividade e cultura. Situar o vínculo entre a origem do sujeito e a civilização que o produz coloca, portanto, todo psicanalista diante da tarefa de caracterizar o advento da ciência moderna, a discursividade que ela inaugura, o sujeito ao qual ela dá à luz, bem como o tipo de laço social produzido por esta mudança discursiva, como condição para alcançar “em seu horizonte a subjetividade de sua época” e, além disso, saber como orientar-se nela. A contemporaneidade é o efeito do aprofundamento da mutação discursiva introduzida pela ciência moderna e caracteriza-se tanto pelo progresso da própria ciência quanto pela universalização dos direitos do homem. Como consequência dos movimentos sociais que reivindicaram a igualdade entre os sexos e as gerações, cresce uma tendência à homogeneização, responsável pela desorientação do homem contemporâneo em relação às suas referências identificatórias e pelos efeitos de desregulação que se evidenciam no corpo e no laço social. Estas mudanças requerem que se amplie a compreensão sobre o tema da subjetividade e do laço social para permitir o reconhecimento dos problemas relativos ao campo da educação, de modo a contribuir para tornar mais eficazes os programas de ação, interdisciplinares ou não, nos quais a psicanálise possa ser aplicada.

**III – Fundamentação teórica**

* 1. **Psicanálise, ciência e subjetividade**

Desde suas primeiras publicações, Freud dá ao mundo externo um importante papel no que diz respeito à repressão das pulsões de modo a destina-las ao laço social, seja pelo trabalho da educação, seja pelo da hereditariedade, responsável por uma “repressão orgânica” que, por si mesma, prepararia o caminho para a civilização (1905). Em “O mal-estar na civilização” (1930[1929]), após rever a sua teoria sobre o ego, Freud explora as relações deste com o id e com o superego, situando então o sentimento de culpa como o mais importante problema a ser considerado no que diz respeito ao desenvolvimento da civilização. Por este caminho, a pulsão de morte e o seu aparelhamento através das relações objetais mais antigas do indivíduo é o modo como Freud descreve metapsicologicamente a sua teoria sobre a origem do laço social descrita em “Totem e tabu” (1912-13). A subjetividade é originariamente dependente do laço social - o surgimento de um torna-se a condição de possibilidade do surgimento do outro.

Tendo situado a relação de dependência existente entre a subjetividade e a civilização, Freud localiza a relação da psicanálise com as visões de mundo produzidas pelos diferentes campos de saber. Assim como o homem precisa aceitar as regras da civilização para constituir-se e aceder à condição humana, a psicanálisedeve preferir o projeto estabelecido pela *Weltanschäuung* científica moderna para situar-se como psicologia do inconsciente (1933[1932]). Ao contrário da religião, a ciência despreza todo o saber cuja origem é imaginária, uma vez que tem o ideal de atingir a completa racionalidade. Este é o ponto em que, apesar de colocar-se do lado da ciência, a psicanálise se separa dela. Para Freud, o projeto da ciência é inalcançável. Por causa do desamparo originário de todo homem que o predispõe a acreditar no pai, a psicanálise parte da premissa de que é impossível erradicar a tendência humana a idealizar. Ela é estrutural. Entretanto, no lugar de fazer deste ponto um motivo para uma franca objeção à ciência, Freud prefere propor a inclusão da realidade psíquica no campo da investigação racional e, assim, dar à psicanálise uma função científica: alargar o campo de abrangência da ciência com suas investigações sobre o inconsciente.

Lacan reescreveu a topologia das relações da psicanálise e da subjetividade com a civilização, através do seguinte axioma: “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência”(1966, p. 873). Para Lacan, a descoberta do inconsciente e a prática da psicanálise seriam, portanto, impensáveis antes do século XVII, ou seja, antes do surgimento de uma determinada posição subjetiva. No lugar de justificar as causas da existência da ciência moderna, Lacan a toma como um fato, preferindo ocupar-se dos efeitos subjetivos do seu projeto interpretado como ideal a alcançar, pois a prática psicanalítica não se presta a oferecer um conhecimento de “si”. Ao contrário, pois ela define a subjetividade como a incessante repetição de um circuito pulsional pelo qual a ligação ao objeto se faz dialeticamente, como alienação e separação. Caracterizado como libidinal, o objeto da satisfação pulsional não se presta à encarnação de um ideal.

Freud e Lacan fornecem as razões da importância de se investigar as relações da psicanálise com a ciência moderna. A ciência “se encontra implicada, em exterioridade interna, no discurso analítico” uma vez que este discurso incide sobre o sujeito definido como um dos efeitos do advento da própria ciência. Não é que o saber da psicanálise seja científico, é que ela opera sobre o sujeito originado por este advento (Coelho dos Santos & Lopes, 2013, p. 31). Esta é a razão pela qual é tarefa do psicanalista ocupar-se de caracterizar o advento da ciência moderna, a discursividade que ela inaugura, o sujeito ao qual ela dá à luz, bem como o tipo de laço social produzido tanto pela introdução desta mutação discursiva no mundo moderno quanto pelo seu acelerado aprofundamento na contemporaneidade.

* 1. **O advento da ciência moderna**

A ciência moderna advém de uma operação de corte executada entre a epistemologia do mundo antigo e medieval e a do mundo moderno (Koyré, 1991). Galileu foi o primeiro a acreditar que tudo o que existe no mundo se submete à forma geométrica, à matematização. Descartes aprofundou essa crença que levou ao abandono da percepção dos sentidos como fonte privilegiada de conhecimento e à declaração de que o conhecimento intelectual é o único e exclusivo meio de apreender a essência do real: os objetos devem ser despojados de todas as suas qualidades sensíveis através da experimentação e da matematização. Até Galileu, o mundo real era o que se oferecia aos sentidos. Com ele e a partir dele, houve uma ruptura entre o mundo percebido pelos sentidos e o mundo real, o da ciência, no qual toda operação deve ser feita sobre um real supostamente puro, produzido por uma fórmula matemática, cujo sentido deve resumir-se à mínima articulação entre suasletras ou números.

Descartes formulou os princípios da nova ciência (o pensamento sem qualidades) e da nova cosmologia (o universo infinito e sem hierarquia). Anunciou uma revolução intelectual que levou a uma revolução científica. Duvidou dos saberes da tradição, de toda forma de autoridade e do mundo sensível, tornando negativos todos os sentidos daí originados. A dúvida hiperbólica destruiu a *base* de todas as provas tradicionais (o Cosmo hierarquizado) e a *estrutura* lógica dessas provas (a impossibilidade da construção de uma série infinita) (Koyré, 1986). Ao extinguir o eixo ao redor do qual todo saber se constituía como verdadeiro, Descartes libertou a razão da tradição e da percepção sensível para alcançar a verdade pela razão. O espírito racional decorre de que o matemático quer estabelecer *relações* ou *proporções* precisas entre os objetos. Razão é sinônimo de proporção ou relação, que,por “si mesmas”, estabelecem uma ordem e se desenvolvem em série.

Como efeito, o campo do sentido, que era um sistema fechado, se pluralizou através da particularidade de cada objeto que a linguagem matemática é capaz de recortarquando usada como instrumento por alguém. A linguagem matemática afirma a existência mediante sua relação direta com o pensamento tomado como verdade indubitável. Ao vincular a existência à certeza do ato de pensar, Descartes a dissociou de tudo o que não seja racional. Assim, separou a existência humana de seus possíveis atributos (Coelho dos Santos & Lopes, 2013). O sujeito da ciência moderna deve ser o homem despojado das marcas qualitativas de sua individualidade empírica, tanto psíquica quanto somática. É alguém a quem não convém as propriedades qualitativas de uma alma, uma vez que não se trata de defini-lo como mortal ou imortal, puro ou impuro, justo ou injusto, pecador ou santo, condenado ou salvo. As propriedades formais também não lhe são úteis: ele não tem nem Si, nem reflexividade, nem consciência (Milner, 1996).

Trata-se da eliminação da relação entre o real e a realidade, relação que, no mundo antigo, era garantida pela palavra de Deus, autoridade infundada, causa de si mesma, que detinha o poder de nomear o real como realidade. Sem ela, o homem desconhece as causas do mundo e de sua própria existência. O saber reduzido a proposições matemáticas dá lugar a objetos sem qualidades. O próprio homem é reduzido a uma equação e se torna um homem sem qualidades. Produzir o sujeito sem qualidades no lugar da falta instaurada pela ausência de Deus é já fazer um tratamento da falta, é recuperá-la de um modo completamente novo, que a recalca. Nesse sentido, a “consciência de si” é o tratamento que Descartes dá à falta que ele próprio introduziu no mundo com a dúvida metódica (Coelho dos Santos & Lopes, 2013). Ele suspendeu todas as convicções, questionou todas as verdades para alcançar o ponto indubitável: *Penso, logo sou*. O eu cartesiano se funda na razão; é uma existência unificada ao ato de pensar. Esse “eu” tem como projeto ser o homem expropriado de seus atributos, despossuído de seu “humanismo”, geometrizado, matematizado. Seu ideal é o de ser algo que vale por si, pela sua “boa forma”. Assim, o pensamento moderno inaugura:

* a *liberdade*, na medida em que torna possível pensar que o homem poderiadesprezar qualquer determinação ao advir como consciência de si;
* a *autonomia*, umavez que, tal como qualquer outro objeto construído pela razão, o homem também surge como algo inédito, uma invenção originada da operatividade lógica da linguagem;
* e a *igualdade* em relação aos outros existentes, pois reduzido à letra, um homem pode ser substituído por outro, do mesmo modo que, em uma fórmula, é possível substituir uma letra por outra (Coelho dos Santos & Lopes, 2013).

O advento da ciência moderna deu lugar a uma nova concepção de homem: o *indivíduo*, identificado à consciência de si, uma vez que o *eu sou* devém do fato de que o *eu pensa*. Neste sentido, enquanto objeto racional, o *indivíduo*pode ser definido como um *homem sem qualidades* (Milner, 1996).

* 1. **A subjetividade moderna e os fundamentos do desejo de exceção**

Segundo Dumont (1993), para entendermos a categoria moderna de indivíduo é necessário que entendamos o sistema de valores e ideias, ou seja, a ideologia na qual ela se insere. O *individualismo* é o modo como a ideologia moderna se configura; é como a encontramos encarnada na sociedade. A configuração moderna de ideias e valores, isto é, a *ideologia individualista*, não existiu desde sempre nem apareceu de um dia para o outro. Apesar de ser uma categoria moderna, a tese de Dumont é de que algo do individualismo moderno já estava presente nos primeiros cristãos e no mundo que os cercava, embora não se tratasse do mesmo individualismo com o qual estamos hoje familiarizados, pois dezessete séculos de uma complexa e radical transformação separaram a forma antiga da forma moderna.

Dumont afirma que o termo *indivíduo* designa duas coisas:

1. *Um objeto fora de nós:* o *sujeito empírico*, que fala, pensa e quer; trata-se da amostra individual da espécie humana encontrada em qualquer sociedade;
2. *Um valor:* o *ser moral*, independente, autônomo, não-social, portador de nossos valores supremos, encontrado apenas na ideologia moderna sobre o homem e a sociedade (Dumont, 1993).

Ele destaca ainda dois tipos de sociedades:

1. *Holistas*, nas quais o valor é situado na sociedade como um todo;
2. *Individualistas*, nas quais o indivíduo constitui o valor supremo.

Dumont caracteriza estas sociedades através de duas ideologias inconciliáveis. Na primeira, a sociedade prevalece sobre o indivíduo; na segunda, o indivíduo é valorizado em detrimento da sociedade. Portanto, é preciso saber como o valor colocado sobre a sociedade como um todo deu lugar a um novo tipo de valor que contradiz a concepção comum em seus fundamentos. Para responder a essa questão, o autor serve-se de uma comparação com a sociedade indiana, cujo funcionamento se caracteriza pela existência simultânea de dois traços complementares:

1. Uma interdependência estreita entre os indivíduos e, ao mesmo tempo,
2. A possibilidade de que alguns escolham situar-se em uma atitude de renúncia ao mundo, que lhes garante a plena independência relativamente a este mundo.

O *homem renunciante* indiano busca a verdade última; ele abandona a vida social e as restrições que esta impinge a todos para dedicar-se exclusivamente ao seu próprio progresso e destino. Ele só precisa se preocupar consigo próprio. Neste caso, Dumont (1993) observa quea descoberta do *eu* é confundida com a sua libertação em relação aos obstáculos impostos pela vida. A libertação só é alcançada por quem abandona o mundo. Distanciar-se do mundo é, naquela sociedade, a condição do desenvolvimento espiritual individual. Este distanciamento, entretanto, não torna o indivíduo independente do mundo, pois depende dele para subsistir. Em troca da subsistência, o renunciante oferece aos leigos os ensinamentos de uma ética relativa: ser generoso para com os monges e evitar ações muito degradantes.

O distanciamento do renunciante em relação ao mundo social, sua “liberdade”, é o traço que permite a Dumont (1993) assemelhar o pensamento do homem renunciante ao pensamento do indivíduo moderno, com a diferença de que o primeiro vive fora do mundo social (*indivíduo-fora-do-mundo*) enquanto este último vive dentro dele (*indivíduo-no-mundo*). O ponto essencial da sociedade indiana para Dumont, que interessa ao seu estudo do individualismo moderno, é o abismo que separa o renunciante indiano e o indivíduo-no-mundo encontrado nas sociedades ocidentais. No primeiro,o individualismo surge no interior de uma sociedade tradicional, holista, isto é, na qual a sociedade predomina sobre o indivíduo. Nesta estrutura, o individualismo se situa “*em oposição* à sociedade e [ao mesmo tempo]*como uma espécie de suplemento* em relação a ela, ou seja, sob a forma de indivíduo-fora-do-mundo”. Pensar o individualismo moderno, Dumont, parte então da seguinte questão: “Será possível pensar que o individualismo começou deste modo no ocidente?” (1993, p. 38-39).

O tipo sociológico *indivíduo-em-relação-com-Deus*– “concepção fundamental do homem nascido do ensinamento de Cristo” - é o que permite a Dumont construir uma homologia estrutural entre o cristão ocidental e o renunciante indiano e afirmar que este tipo esteve “presente no cristianismo e em torno dele no começo da nossa era”. O cristão é alguém que está“essencialmente fora-do-mundo”. Porém,a relação com Deus no cristianismo não instituiu apenas um individualismo absoluto, mas também um universalismo absoluto, cujo resultado é uma desvalorização do mundo. Este estado de tensão constitutiva do cristianismo atravessa toda a história: cada indivíduo se emancipa da rígida hierarquia medieval por uma transcendência pessoal (um individualismo absoluto) ao mesmo tempo em que se une fraternamente aos outros indivíduos que, como ele, também estão fora-do-mundo (universalismo absoluto). O infinito valor atribuído ao indivíduo “é ao mesmo tempo [...] a desvalorização do mundo tal como existe”. Disto resulta um dualismo sob a forma de uma tensão situada entre, de um lado, o indivíduo que desfruta a igualdade e a fraternidade fora-do-mundo e, de outro, o homem-no-mundo. Diferentemente do sentido que lhe deu a modernidade, no mundo Antigo, a igualdade e a fraternidade provenientes do individualismo extramundano só existiam na presença de Deus. Portanto, era aparente a simetria entre os homens e Deus, pois os primeiros deviam reconhecer a superioridade do segundo e subordinar-se aos valores absolutos que Dele derivavam. Porém, esta hierarquia e heterogeneidade foram, pouco a pouco, dissolvidas até desaparecerem completamente com o surgimento da ciência moderna (Dumont, 1993, p. 39).

A pesquisa de Dumont (1993) sobre as origens do individualismo no cristianismo destaca um aspecto importante para a pesquisa em curso: a relação com Deus do indivíduo cristão, sua condição de indivíduo-fora-do-mundo nesta situação tal como conceituada por este autor, pode ser pensada como fundamento de uma identificação com a *posição de exceção* do Criador. O individualismo e o universalismo (a fraternidade humana fundada na própria experiência do indivíduo-em-relação-com-Deus) são absolutos, ou seja, transcendem o mundo dos homens e das instituições sociais e permitem ao indivíduo a experiência de uma liberdade em relação aos constrangimentos sociais mundanos no lugar da submissão característica da Idade Média. Entretanto, esta experiência não “desierarquiza” o mundo medieval. Produz apenas uma simetria aparente, pois o mundo medieval “nunca deixou de ser holista”. Mas esta condiçãoproduz um efeito: uma tendência à desvalorização do mundo – “o valor supremo exercerá pressão sobre o elemento mundano antitético que ele encerra”. O elemento extramundano contaminará a vida mundana até produzir o desaparecimento da heterogeneidade do mundo e, consequentemente, do holismo – “o indivíduo-fora-do-mundo se converterá no moderno indivíduo-no-mundo” (Dumont, 1993, p. 45).

Ao rechaçar todo o saber proveniente da tradição, Descartes retirou Deus do lugar hegemônico que ocupava no mundo medieval. Em seu lugar, promoveu a primazia do pensamento racional. Não há mais lugar para o homem ou para Deus. Tomada como ideal, a “consciência de si” se quer sem qualidades ou determinações divinizadas. A razão produz o indivíduo fundamentado por uma ideia de humanidade que ultrapassou a produzida pela religião. O indivíduo moderno vive uma centralidade em relação a si mesmo, sente descrédito para com a tradição e acredita poder prescindir dela, pois possui capacidade de razão, consciência e ação. A *Escritura Sagrada* é substituída pelo *livro* escrito em caracteres matemáticos. Deus - significante ordenador, normatizador e fundador do sentido de todas as coisas - desaparece desta função de mestria. O campo simbólico passa a se caracterizar como um universo infinito, aberto às sucessivas operações lógicas que inventam o real. A formalização do mundo, do sentido e da existência é produto da atividade do pensamento racional. Esta é a composição cultural que permite o surgimento da psicanálise e a hipótese do inconsciente como o avesso da consciência de si, caraterizado pelo desejo de exceção.

* 1. **A constituição do laço social e do desejo inconsciente para a psicanálise.**

Através do mito de “Totem e tabu” (1912-13), Freud apresentou a hipótese de que o fundamento do laço social é tributário de um ato de violência. No mito da horda primitiva, o assassinato do pai primordial é o responsável pela fundação da cultura, do laço social e, por consequência, de um resíduo no funcionamento do aparelho psíquico – a realidade psíquica - sob a forma de uma fantasia originária. Freud faz a hipótese de que as instituições sociais e culturais, a religião e a moralidade têm no seu fundamento lei da interdição do incesto, que é também o fundamento do ódio parricida.

É mais ou menos consenso no campo da psicanálise a ideia de que o assassinato do pai primordial em Freud seria um mito que, estruturalmente, se assemelharia aos construídos pelos naturalistas. Tanto Locke como Rousseau também refletiram sobre como teria sido o homem no seu estado originário (uma espécie de “estado de natureza”) para, depois, teorizarem sobre comoo laço social se originou e como nasceu o homem tal como nós hoje o conhecemos, ou seja, na relação com o outro, uma relação atravessada por um pacto, por um contrato social.Este estado de natureza não é um estado natural, mas *ficcional*, uma hipótese da filosofia política de inspiração científica. É um estado lógico no sentido das ciências naturais (matemáticas), cujo objetivo é fundar um ideal legítimo de laço social e não de restituir “a” verdade sobre a origem. No século XVII, às vésperas dos acontecimentos que marcaram o século XVIII, era preciso, não recuperar uma origem, mas fazer uma hipótese sobre ela de modo a legitimar e justificar as Revoluções e o estado de direito que estavam por vir.

Apesar da semelhança estrutural, o objetivo de Freud, entretanto, era outro: fundamentar uma prática clínica suportada por uma concepção de sujeito por meio da qual fosse possível manejar seus ditos a partir de uma hipótese sobre a origem do psiquismo. Para Freud,*o sujeito e o laço social são inseparáveis*. Independentemente do seu local de nascimento, a constituição da subjetividade depende da existência de uma posição de exceção – o pai primordial, que teria acesso a um gozo absoluto, cuja contrapartida é a privação de todos os outros sujeitos em relação a este mesmo gozo. A exclusão do pai gozador constitui tanto o sujeito da psicanálise -movido pelo desejo inconsciente de ser uma exceção-quanto o laço social no qual ele se insere. Esta estrutura dá lugar a uma prática clínica que se justifica e se apoia numa concepção de sujeito para quem o lugar de exceção deve ser, de saída, tratado como universalmente impossível de ser alcançado.

Diferentemente das teorias do contrato social, para a psicanálise o laço social nasce do assassinato de um pai primitivo a quem todos os gozos eram permitidos. Esta é a razão pela qual os sentimentos ambivalentes de amor e ódio, que fundamentam o sentimento inconsciente de culpa, são estruturais. Lido à luz da teoria da pulsão de morte (Freud, 1920), o mito da horda primitiva fala sobre a natureza do objeto como pulsional – objeto causa da política e de todas as escolhas subjetivas - que, por isso mesmo, implica a necessidade de que o laço social seja baseado em um contrato capaz de garantir e regular o acesso a este objeto: a lei universal da interdição do incesto. Isto quer dizer que, à entrada no laço social corresponde uma renúncia à aspiração de desfrutar de uma posição impossível, de uma satisfação ou uma felicidade plena. Ao articular a diferença entre o objeto do desejo e o objeto da satisfação pulsional, Freud apresentou uma teoria da discordância estrutural entre o que o sujeito deseja e o que, de fato, ele consegue alcançar. Nada do que se busca é da mesma ordem do que se alcança; não existe nenhuma determinação divina no sentido de que o homem seja feliz (Freud, 1927; 1930 [1929]).

O axioma lacaniano que localiza a operatividade da psicanálise sobre o sujeito da ciência, articula uma disjunção entre o que é da ordem do saber e o que se refere à verdade. O sujeito da ciência é aquele que expulsa a verdade para priorizar o saber racional, o “bem” que se deve alcançar orientado pela lei moral. Esta lei se reduz a uma voz na consciência, a consciência moral, que só visa o dever cumprido que é, ao fim, o próprio bem comum, universal. Quando Freud introduz a pulsão de morte, ele mostra que a injunção da consciência moral kantiana é um imperativo superegoico que se baseia na exigência de que o sujeito renuncie aos objetos das afecções particulares em nome de um objeto comum – o Bem. Entretanto, esta injunção produz o seu próprio avesso: uma exigência de gozo que nada quer saber sobre os limites da lei.

A lei da interdição do incesto funda as fronteiras do que se pode desejar e exige que as vias da satisfação pulsional percorram caminhos que evitem o objeto incestuoso. Estes caminhos são ditados, segundo Freud, pelas exigências feitas pela civilização e pela educação cultural. Delas provêm as forças que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da satisfação pulsional: o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais. As exigências do mundo externodevem restringir o autoerotismo para introduzir o amor objetal.Sob esta influência, o recalque se desenvolve promovendo uma alteração da organização psíquica. Ocomplexo de castração exige o declínio do amor edípico e instaura a lei do que não se deve desejar. Com isso, a autonomia das zonas erógenas deve dar lugar a uma posição inconsciente – fálica ou castrada - responsável pela identificação ao ideal de seu sexo. Em seguida, a primazia do falo precisa ser sucedida pela subordinação à primazia dos genitaiscolocados à serviço da reprodução.Entretanto, a sexualidade infantil produz um resíduo: o desejo de exceção, através do qual o sujeito sonha com a transgressão desta mesma lei, sonha com o impossível que ela exclui, o gozo absoluto suposto a outrem, uma suposição da qual não se abre mão facilmente. Isto quer dizer que a domesticação da atividade pulsional requer, além do esforço da educação familiar como incentivo à conquista do princípio do prazer e de sua subordinação ao princípio de realidade, a participação de toda a sociedade através das instituições construídas com esta finalidade.

Segundo Freud (1913), a educação desempenha um importante papel na constituição da subjetividade e do laço social. Ela “constitui uma profilaxia que se destina a prevenir [...] tanto a neurose quanto a perversão” (p. 416). É somente quando estes resultados ocorrem, ou seja, é apenas quando a educação não foi eficaz na sua tarefa de levar o indivíduo à superação do infantilismo que a psicanálise entra em ação como uma espécie de “pós-educação”, ou seja, para “induzir o paciente a renunciar a uma dose imediata e diretamente tangível de prazer”, a privar-se temporariamente de satisfações cujo resultado trará consequências prejudiciais (Freud, 1916, p. 352).

Freud situou a existência de uma discordância interna ao próprio aparelho psíquico, interior ao campo pulsional, razão pela qual os motivos pelos quais nunca estamos plenamente satisfeitos nada têm a ver com as irregularidades ou com os desajustes relativos ao contrato social. Se ele introduz esta discordância fazendo uso de um mito, o que ele de fato visava era introduzir uma estrutura: a da universal impossibilidade humana de acesso ao gozo absoluto. O complexo de Édipo veicula, por meio de uma apreensão mítica, o desejo de exceção que habita cada ser humano. Pai e filho desejam um mesmo objeto, ao qual o filho deve renunciar para que possa aceder a um tipo de laço social. O Édipo freudiano é, portanto, uma transposição modernizada do assassinato do pai primordial que inscreve, de outro modo, o gozo impossível das origens, o drama primordial humano, uma vez que a civilização não permite que os meninos matem seus pais.O Édipo seria o mito que traduziria na esfera psíquica uma verdade estrutural: a de que o gozo absoluto é impossível, embora seja aspirado. A castração do complexo de castração atrelado ao complexo de Édipo é uma castração estrutural, pois o gozo absoluto é universalmente inalcançável.

Neste ponto, as outras disciplinas das ciências humanas vêm em nosso auxílio para iluminar e nos ajudar a dar um melhor tratamento para os impasses pelos quais todos os seres humanos passam para se constituírem como tais. Se a constituição subjetiva está estruturalmente vinculada à constituição da cultura e se, como mostra Freud, o melhor parceiro para o *ego* é a realidade externa, na medida em que esta sempre lhe lembra dos parâmetros necessários à permanência do sujeito no laço social, então as teorias sobre o funcionamento da cultura feitas pelos sociólogos, pelos filósofos do direito, pelos historiadores, etc., podem ser utilizadas com o objetivo de nos ajudar a compreender a complexidade e a diversidade da vida humana. O estudo, por estes pesquisadores, de problemas tais como o declínio das instituições sociais e, consequentemente, do homem público, a globalização, a liquidez dos laços sociais, a transformação das pessoas e do saber em mercadoria, o incremento da violência, a modificação das formas familiares, o incremento do capitalismo e sua associação a discursos que se propagam em nome da ciência, dentre outros, fazem-se necessários a esta pesquisa porque permitirão localizar com mais propriedade qual é o lugar da educação no mundo moderno, quais transformações sofreu entre a modernidade e o momento atual, quais são as novas exigências da sociedade em relação à educação e ao papel das escolas em relação ao laço social.

* 1. **O papel da educação e os problemas que enfrenta no mundo moderno e contemporâneo**

O lugar da escola e da educação sofreu modificações diretamente originadas das vividas pela sociedade em todos os seus âmbitos: político, social, econômico ou cultural. A sociedade contemporânea foi caracterizada por Bauman (2001) como *modernidade líquida* – no sentido de instantânea, leve fluida - em oposição à solidez da modernidade, conhecida por manter sua forma e pela dificuldade de sofrer alterações. Ao contrário, na modernidade líquida destacam-se os movimentos que alteram o sentido original da própria modernidade: a instantaneidade, a proliferação da verdade à reboque das grandes descobertas pelas ciências, a expansão do mercado capitalista mundial, a capacidade de adaptação do indivíduo a novas formas de vida, novos lugares e valores, as novas relações pela internet estabelecidas pelas novas tecnologias, a necessária conexão com o mundo sem o contato pessoal, a velocidade da informação, o incentivo ao consumo e à busca pela satisfação pessoal, o deslocamento do valor da responsabilidade calcado no dever ético e na preocupação com o outro para a preocupação consigo próprio a ponto de o indivíduo se acreditar único responsável por seus atos e deveres, etc.

Na tradição moderna, a escola era considerada um lugar de trabalho, na medida em que o próprio trabalho era valorizado como condição para o progresso. Se a modernidade requeria corpos regulados para alcançar seus objetivos, então, a escola deveria ser um lugar de controle disciplinar, de desenvolvimento de hábitos e de aprendizagem, já que o saber trazia junto de si uma promessa progressista em relação ao futuro. Sua autoridade se sustentava no valor do saber como promessa de um futuro promissor. Segundo Tizio (2013), a escola se apoiava no modelo familiar, que entregava aos seus cuidados crianças disciplinadas, com hábitos adquiridos e necessidades atendidas, além de dar suporte nos deveres de casa que fixavam o conteúdo diário fornecido pela escola. Para Kant, a disciplina tem o objetivo de regular o capricho e para este caminho dirigia-se a oferta educativa.

“A escola era um espaço que tinha como propósito estabelecer a ordem. A formação dos indivíduos era responsabilidade de toda a sociedade, dos governantes e do Estado, com vistas a formá-los para um comportamento correto e moralmente aceitável. Desse modo, somente os professores eram capazes de fornecer esta formação para uma integração social, destacando uma vida correta e moral, disciplinada e eficiente. Além disso, o conhecimento era um produto duradouro e a qualidade da escola era medida pela transmissão deste conhecimento de valor adaptado ao mundo sólido [...]. As pessoas se ajustavam ao mundo pela educação, entendendo que este mundoera imutável e consideravelmente manipulável. O professor detinha o poder de transmitir o conhecimento ao aluno, compreendendo este conhecimento como justo e confiável” (Paim & Nodaria, 2012).

O mundo contemporâneo modificou as formas de regulação que sustentavam e davam autoridade aos ideais da modernidade. O aprofundamento da democracia teve como consequência a introdução do consenso como forma de “trabalhar a disciplina” e a oferta de educação dirigiu-se muito mais à busca pela felicidade do que para ajudar na regulação dos corpos. Além disso, houve o rebaixamento do saber como resultante da entrada do próprio saber no mercado como mais uma mercadoria e do incremento dos suportes de armazenamento de informações disponíveis. Como efeito, não se entende mais como necessária a fixação do conteúdo na própria memória, o que concorre para a depreciação do pensamento lógico. No lugar da oferta de palavras que vivificavam e pacificavam os corpos, temos a ascensão da oferta de diferentes experiências. O individualismo e a solidão que o acompanha já não fornecem as palavras necessárias ao encontro com o outro e ao surgimento do amor. O próprio professor não é mais necessariamente aquele que ensina. No seu lugar, as sedutoras e atraentes mensagens das celebridades.

“A escola então, transmissora deste conhecimento, passa agora a não ser a detentora do saber, pois as novas tecnologias oferecem as informações em um rápido espaço de tempo, no qual todos têm acesso ao “conhecimento”. Os professores perdem a autoridade sobre o domínio exclusivo dos saberes. A nova dinâmica do mercado passa a ter autoridade, decidindo sobre as formações de opiniões, verificação de valores, definindo o que é bom ou mal, belo ou feio, verdadeiro ou falso. Os alunos passam a dar atenção àqueles que oferecem várias possibilidades de experiência, prazer e proveito (geralmente a mídia – televisão, internet), os seduzindo para a arte de saber viver. O professor, desse modo, não é mais aquele conselheiro que orientava os alunos a seguirem, de modo seguro, sua vida, através de seus estudos e saberes” (Paim & Nodaria, 2012). Nesse sentido,

O que encontramos hoje na escola? Sintomas que produzem indivíduos menos dispostos à aprendizagem porque não a favorecem:

* Corpos hiperativos, ameaçados ou maltratados pelo Bullying;
* Corpos anoréxicos, bulímicos, com sobrepeso, drogados;
* Corpos inibidos intelectualmente ou frequentemente desatentos;
* Corpos que adoecem constantemente;
* Demasiada adição da tecnologia aos processos educativos;
* Professores desinteressados pela atividade de ensino.

O que a psicanálise pode ensinar para tratarmos estes novos desafios?

1. Que a desregulação dos corpos promovida pela modificação das coordenadas que organizavam a modernidade e a função educativa fizeram surgir novos problemas que, em função de assinalarem uma disfunção no aparato educativo, podem ser investigados como sintomas sociais. Ao contrário dos sintomas subjetivos, que se referem ao modo singular como cada indivíduo encarna sua condição de sujeito, os “sintomas sociais” dão uma aparência de homogeneidade.
2. Que as mudanças referentes ao lugar da autoridade podem não ser necessariamente catastróficas se soubermos manter aquilo de que não se pode abrir mão: as diferenças sexual e geracional.
3. Que ir diretamente contra o gozo mortífero sem aparelha-lo com palavras produz transferência negativa, isto é, a violência.

O avanço do discurso da ciência promoveu o surgimento de novas sintomatologias. Em relação a elas, sem o discurso da psicanálise, a escola corre o risco de contribuir para o controle disciplinar orientada pelas formas de biopoder, tais como a administração de fármacos. O poder regulador que a escola exercia sobre os corpos não era devido à disciplina, mas ao interesse e à curiosidade sexual que promove a busca pelo conhecimento. Com o declínio dos operadores paternos que regulavam o que era passível de ser desejado, o desejo não tem mais bússola. No lugar da família dar suporte à escola, hoje é a escola que vem dar suporte à família, razão pela qual sua participação e responsabilidade está cada vez maior com o acúmulo de novas tarefas: educar para a saúde, para a sexualidade, para evitar as drogas, etc.

A construção da subjetividade depende de um desejo que não seja anônimo. Esta é a razão pela qual o discurso do analista pode ser uma importante ferramenta. Na medida em que aciona a posição de objeto como causa do desejo, o discurso do analista pode contribuir para minorar o mal-estar na civilização, pois introduz na consideração humana aquilo que ela própria precisa expulsar para constituir-se como tal: a arbitrariedade constitutiva (S1) e a consequente dívida para com a tradição que lhe deu à luz.

**IV – Plano de trabalho**

Atividades previstas:

* Expansão das referências bibliográficas e dos problemas referentes ao tema da pesquisa.
* Orientação e avaliação da produção de textos de pesquisadores iniciantes.
* Orientação de iniciação científica.
* Coorientação de mestrado.
* Colaboração para a Revista *Trivium*, do Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade.
* Dar aulas das disciplinas do curso:
* Conceitos fundamentais em psicanálise.
* Psicanálise, cultura e sociedade.
* Tópicos especiais em psicanálise e saúde.
* Propor e ministrar as seguintes disciplinas:
* O sujeito da Psicanálise
* Psicanálise e educação
* Psicanálise e subjetividade moderna
* Psicanálise e subjetividade contemporânea
* Publicação de artigo em andamento e produção e publicação de novos artigos qualificados e atualizados sobre o tema.
* Apresentação de trabalhos em eventos científicos.

**V – Referências bibliográficas**

Agambem, G. (2004) *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo editorial. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B6eHj5egjfFva3hIQVJTMllLY0E/edit?pli=1>

Bachelard, G. (1938) *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Disponível em\; [http://minhateca.com.br/niltonvarela/Documentos/Ebooks/Filosofia+do+sec.+XX+-+Sartre\*2c+Heidegger\*2c+Bergson+e+outros/BACHELARD\*2c+G.+A+Forma\*c3\*a7\*c3\*a3o+do+Esp\*c3\*adrito+Cient\*c3\*adfico,1449642.pdf](http://minhateca.com.br/niltonvarela/Documentos/Ebooks/Filosofia+do+sec.+XX+-+Sartre*2c+Heidegger*2c+Bergson+e+outros/BACHELARD*2c+G.+A+Forma*c3*a7*c3*a3o+do+Esp*c3*adrito+Cient*c3*adfico,1449642.pdf)

Bauman, Z. (2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Disponível em: [http://minhateca.com.br/wendelloliveirauscj/Documentos/Livros/BAUMAN\*2c+Zygmunt/Bauman\*2c+Zygmunt.+Modernidade+liquida,45374120.pdf](http://minhateca.com.br/wendelloliveirauscj/Documentos/Livros/BAUMAN*2c+Zygmunt/Bauman*2c+Zygmunt.+Modernidade+liquida,45374120.pdf)

Bauman, Z. (2003) *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Disponível em: <http://prestesaressurgir.blogspot.com.br/2013/09/obras-de-bauman-bourdieu-e-norbert.html>

Bauman, Z. (2008) *Vida para consumo* – a transformação das pessoas em mercadoria. RJ: JZE. Disponível em: <http://prestesaressurgir.blogspot.com.br/2013/09/obras-de-bauman-bourdieu-e-norbert.html>

Bobbio, N. (2004) *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Ed. Campus/Elsevier. Disponível em: <http://direitoufma2010.files.wordpress.com/2010/05/norberto-bobbio-a-era-dos-direitos.pdf>

Canguilhem, G.(1977). *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. Lisboa: Edições 70.

Chauí, M. (1988) *O que é ideologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense. Disponível em: [http://minhateca.com.br/fajfhcs/Livros/Cole\*c3\*a7\*c3\*a3o+Primeiros+Passos+-+O+Que+\*c3\*a9+Ideologia-Marilena+Chaui,1690385.pdf](http://minhateca.com.br/fajfhcs/Livros/Cole*c3*a7*c3*a3o+Primeiros+Passos+-+O+Que+*c3*a9+Ideologia-Marilena+Chaui,1690385.pdf)

Chauí, M. (2001) Kant, vida e obra, em *Os pensadores* – Kant (I). SP: Abril Cultural, 1983, p. VII-XIX.

Coelho dos Santos, T.(1999) As estruturas freudianas da psicose e sua reinvenção lacaniana, em Birman, J. (Org.) *Sobre a psicose*. Rio de Janeiro: Contracapa, p. 45-73.

Coelho dos Santos, T. (2001) *Quem precisa de análise hoje? – O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Coelho dos Santos, T.(2002). *Paradigmas do último ensino de Lacan.* Rio de Janeiro: Sephora/UFRJ.

Coelho dos Santos, T. (2005a). *Sinthoma: corpo e laço social*. Rio de Janeiro: Ed. Sephora/UFRJ.

Coelho dos Santos, T. (2005b). A prática lacaniana na civilização sem bússola, em Coelho dos

Coelho dos Santos, T. (org.). (2005)*Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Contracapa, 005. p. 61-92. Disponível em: [http://minhateca.com.br/Auatt/Livros+sobre+psican\*c3\*a1lise/Tania+C.+dos+Santos+(org.)+-+Efeitos+terap\*c3\*aauticos+na+psican\*c3\*a1lise+aplicada.pdf,52984505.pdf](http://minhateca.com.br/Auatt/Livros+sobre+psican*c3*a1lise/Tania+C.+dos+Santos+(org.)+-+Efeitos+terap*c3*aauticos+na+psican*c3*a1lise+aplicada.pdf,52984505.pdf)

Coelho dos Santos, T.; Lopes, R.G. (2013) *Psicanálise\_ciência e discurso*. RJ: Cia de Freud.

das Letras, 1989.

Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789). Disponível em <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-anteriores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>Acesso em 15/03/2014.

Donzelot, J. (1986). *A polícia das famílias*. São Paulo: Graal. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/244907343/74424291-Jacques-Donzelot-a-Policia-Das-Familias>

Dummont, L. (1993) *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. RJ: Rocco.

Freud, S (1913) Introdução a *The psycho-analytic method*, de Pfister, em *Obras completas*. RJ: imago,vol. XII, p. 415-418.

Freud, S (1916) Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico, em *Obras completas*. RJ: imago,vol. XIV, p. 351-377.

Freud, S. (1912-13) Totem e tabu, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XIII.

Freud, S. (1915a) Os instintos e suas vicissitudes, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XIV, p. 137-162.

Freud, S. (1915b) Repressão, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XIV.

Freud, S. (1915c) O inconsciente, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XIV.

Freud, S. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias. Parte III. Conferência XXVIII: Terapia analítica, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., Vol. XVI, p. 523-539.

Freud, S. (1920) Além do princípio do prazer, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XVIII.

Freud, S. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XIX.

Freud, S. (1925) A negativa, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XIX, p. 295-300.

Freud, S. (1927) O futuro de uma ilusão, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XXI.

Freud, S. (1930 [1929]) Mal estar na civilização, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XXI.

Freud, S. (1933 [1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschäuung*, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XXII.

Freud, S. (1940 [1938]) A divisão do ego no processo de defesa, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XXIII.

Freud, S.(1940a [1938]) Esboço de psicanálise, em *Obras Completas*. RJ: Imago Ed., 1977, vol. XXIII.

Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. Rio de Janeiro: UNESP Ed. Disponível em: <http://www.culturaegenero.com.br/download/consequenciasmodernidade.pdf>

Hall, S. (2001) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed. Disponível Me: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAguMAH/identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hall>

Kant, I. (1787) *Crítica da razão pura*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Goubenkian, 2001. Disponível em <http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/kant_criticadarazaopura.pdf>

Kant, I. (1959) *Crítica da razão prática*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S/A. versão digitalizada pela e.booksBrasil.com – disponível para download em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/razaopratica.pdf>

Koyré, A.(1986) *Considerações sobre Descartes*. Lisboa: Editorial Presença,1986. Disponível em: [http://minhateca.com.br/VanguardaCultural/Biblioteca+(por+L\*c3\*adngua)/Portugu\*c3\*aas/considera\*c3\*a7\*c3\*b5es-sobre-descartes,50460615.zip(archive)](http://minhateca.com.br/VanguardaCultural/Biblioteca+(por+L*c3*adngua)/Portugu*c3*aas/considera*c3*a7*c3*b5es-sobre-descartes,50460615.zip(archive))

Koyré, A.(1991). *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

Lacan, J. (1962-63). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Lacan, J. (1964) *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

Lacan, J. (1966) A ciência e a verdade, em *Escritos*. RJ: JZE, p. 869-892.

Lacan, J. (1969-70). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Lacan, J. (1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lévi-Strauss, C. (1949) *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1976.

Lopes, R.G; Souza, F.M.P.; Martello, A. (2012) O mestre contemporâneo e os impasses na formação do psicanalista: a mercantilização do saber e o real da ciência, em Coelho dos Santos, T.; Santiago, J.; Martello, A. (Orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. RJ: Cia de Freud: PROAP/CAPES, P. 371-391.

Lyotard, J.-F. (1989). *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 2003. Disponível em: [http://minhateca.com.br/Astrofisico/Filosofia+Geral+e+Jur\*c3\*addica/Lyotard/Lyotard\*2c+Jean-Fran\*c3\*a7ois+-+Las+condiciones+postmodernas,70425141.pdf](http://minhateca.com.br/Astrofisico/Filosofia+Geral+e+Jur*c3*addica/Lyotard/Lyotard*2c+Jean-Fran*c3*a7ois+-+Las+condiciones+postmodernas,70425141.pdf)

Miller, J.-A. (2002). O último ensino de Lacan. *Opção Lacaniana*, São Paulo: Edições Eólia, n. 35, p. 6-24, jan. 2004.

Miller, J.-A. (2004a). A era do homem sem qualidades. Revista *aSEPHallus*, n. 1. Aulas de 14 e 21/01 e 04/02/2004, de Orientação Lacaniana III, 6, curso ministrado no quadro do Departamento de Psicanálise de Paris VIII e da Seção Clínica de Paris Saint Denis. Disponível em <<http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_01/traducao.htm>>

Miller, J.-A. (2004b). Introdução à leitura do Seminário da angústia, de Lacan. *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eólia, n. 43, p. 7-81, mai. 2005.

Miller, J.-A. et Milner, J.-C. (2006) *Você quer mesmo ser avaliado?* Barueri, SP: Manole. Disponivel em : [http://minhateca.com.br/robertomendonca/Documentos/Autores+diversos/Milner+\*26+Miller+-+Voce+Quer+Mesmo+Ser+Avaliado,33913916.pdf](http://minhateca.com.br/robertomendonca/Documentos/Autores+diversos/Milner+*26+Miller+-+Voce+Quer+Mesmo+Ser+Avaliado,33913916.pdf)

Miller, J.-A. (1999a) Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana*, São Paulo: Edições Eólia, n. 26-27, 1999, p. 87-105.

Milner, J.-C. (1996). *A obra clara – Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Disponível em: <http://s6451.minhateca.com.br/File.aspx?e=eg55HJNqbSr5-stk8MPF3278UorwVxvbLY_Hsy66OPr2x5Z-19P0bdEC1ET6Iv1XuDIXmBgQoPcguKktsJxCKg3P59ZaWMwo84zgt0KjhbThd0MvOu3ddgJI0QCzFLWcTqKHm6gfIjVY0k_sWX2hd1_NdkdFSybZ0FkCKHvuAX_yUaCrB7YOBKB6JdhmULZk&pv=1>

OMS (1986) *Carta de Ottawa*. Disponível na internet para download em: <[http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf Acesso em 30/09/2011](http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf%20Acesso%20em%2030/09/2011)>

Paim, V.C. & Nodari, P.C. (2012) A missão da escola no context social atual. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1063/706> Acesso em 18/11/2014.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Disponível em: [http://minhateca.com.br/markalan/Documentos/BibliotecaGRATIS/ROUDINESCO\*2c+Elisabeth.+A+Fam\*c3\*adlia+em+Desordem+(dig.),127553741.pdf](http://minhateca.com.br/markalan/Documentos/BibliotecaGRATIS/ROUDINESCO*2c+Elisabeth.+A+Fam*c3*adlia+em+Desordem+(dig.),127553741.pdf)

Sennett, R. (1988) *O declínio do homem público* – as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. Disponível em: <http://minhateca.com.br/smolesk1917/Galeria/LIVROS+DIVERSOS/SOCIOLOGIA/SOCIOLOGIA+O+DECLINIO+DO+HOMEM+PUBLICO,108611325.PDF>

Tízio, H. (2013) A educação e os corpos de hoje.*Almanaque on line*. Rev. do Inst. De Psicanálise e Saúde mental de MG, n. 12, jan-jun/2013. Disponível em <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/12/textos/Almq12TrilhamentosHebeTizio.pdf> Acesso em 15/11/2014.